



## A América Latina Em 45 Anos De Cobertura De Revista Veja<sup>1</sup>

Guilherme Felipe BUSNARDO<sup>2</sup>

Pricilla Tiane VARGAS<sup>3</sup>

Thiago Amorim CAMINADA<sup>4</sup>

Felipe da COSTA<sup>5</sup>

Fernanda Vieira DE MARIA<sup>6</sup>

Valquíria Michela JOHN<sup>7</sup>

Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, SC

**Resumo:** Em setembro de 2013, a revista Veja completou 45 anos, marco histórico para o jornalismo brasileiro. Ao longo desse período, ajudou a construir não só visões sobre o Brasil, mas também a construir e difundir memórias sobre outros povos, outras nações, outras culturas. Entre esses vários “outros” estão os países da América Latina que, não raro, foram destaque de capa na revista ao longo desse período. Ao abordar temáticas ligadas aos países da América Latina, a revista contribui para o reforço a certas memórias, a representações referentes a esses países. A pesquisa teve como objetivo analisar a construção das representações sobre a América Latina realizadas por Veja ao longo de seus 45 anos de história. Foram analisadas as edições publicadas entre 11/09/1968 e 11/09/2013, com base na Análise de Conteúdo.

**Palavras-chave:** revista Veja, América Latina, memória, representações.

### Introdução

Em setembro de 2013, a revista Veja completou 45 anos. Ao longo dessas décadas, participou não apenas do registro e da difusão de imagens e representações sobre os acontecimentos nacionais, mas também sobre vários temas e acontecimentos de outros países, contribuindo assim para a construção de visões sobre esses países por parte de seus leitores a partir das memórias que ajudou a difundir. As representações que circulam em Veja são tanto influenciadas pela sociedade em que se insere quanto reforçadoras dessas mesmas representações. A representação constitui-se num saber que os indivíduos de uma sociedade elaboram sobre algum aspecto ou sobre toda a sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Univali, Pesquisador do grupo Monitor de Mídia. email: [gfbusnardo@gmail.com](mailto:gfbusnardo@gmail.com)

<sup>3</sup> Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Univali. Pesquisadora do grupo Monitor de Mídia. [pricillatiane@hotmail.com](mailto:pricillatiane@hotmail.com)

<sup>4</sup> Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí - Univali. Mestrando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do Observatório de Ética Jornalística (objETHOS). [thiagoleroh@hotmail.com](mailto:thiagoleroh@hotmail.com)

<sup>5</sup> Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Univali. Mestrando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do grupo Monitor de Mídia. [contato@felipedacosta.com.br](mailto:contato@felipedacosta.com.br)

<sup>6</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da Univali. Pesquisadora do grupo Monitor de Mídia. email: [fevdemaria@gmail.com](mailto:fevdemaria@gmail.com)

<sup>7</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS. Professora do curso de Jornalismo da Univali, pesquisadora do grupo Monitor de Mídia. [vmichela@gmail.com](mailto:vmichela@gmail.com)



existência. Trata-se, portanto, de uma interpretação que está diretamente ligada ao social. Laplantine (2001) define a representação como sendo “(...) o encontro de uma experiência individual e de modelos sociais num modo de apreensão particular do real: o da imagem-crença, que, contrariamente ao conceito e à teoria que é sua racionalização secundária, sempre tem uma tonalidade afetiva e uma carga irracional.” (p. 242)

Nos propomos, então, a analisar a construção de representações sobre um outro que está bem próximo de nós – os demais países da América Latina. Barbosa (2007) e Bomfim (2013) apontam para a, senão invisibilidade, ao menos o simplificado destaque que a chamada “grande mídia” de nosso país destina aos países latino-americanos. Estes são tratados, em geral, sob a ótica do estereótipo colonial, do atraso, da crítica política, tornando invisíveis ou pouco destacadas as lutas de classe, os movimentos sociais, as práticas culturais, enfim, a complexidade étnica, cultural, social e histórica desses países. Especificamente sobre a Revista Veja, Bomfim (2013, p. 18) afirma que:

Veja mostra-se impassível à problemática latino-americana, sendo que, várias vezes, seus destaques para os problemas enfrentados pelo continente são realizados de forma pejorativa e preconceituosa. A revista entrega-se aos clichês para caracterizar a Latinoamérica, e a representação de “repúblicas bananeiras”, para utilizar uma das definições encontradas nas páginas do semanário, configura uma região em constante tumulto político, sendo entremeada pelas menções ao tráfico de drogas.

Com esta pesquisa buscamos verificar se esse processo efetivamente ocorre naquele que pode ser considerado o mais importante veículo da mídia impressa nacional. Reforçamos, entretanto, a ideia de que a própria realidade é fruto de uma construção social e que o jornalismo não é espelho da realidade, mas ajuda a construí-la socialmente, portanto, constrói, reforça ou reedita as representações sociais que já circulam na sociedade em que se insere (RODRIGO ALSINA, 2009).

Destacamos também que, diferentemente de muitos estudos que temos encontrado relacionados à Veja, não partiremos, ou pelo menos nos fiscalizamos ao máximo para evitar a adoção, de uma posição ideológica na análise da revista. Entendemos que “odiar” um objeto como premissa de pesquisa não é uma atitude científica e que partir de certezas ou fazer uma pesquisa somente com a intenção de reforçar ou confirmar premissas<sup>8</sup> também não condiz com uma atitude científica.

O motivo de termos escolhido um intervalo longo de pesquisa - todas as edições publicadas ao longo dos 45 anos de existência da revista – não se deve ao fato de

---

<sup>8</sup> Entendemos, naturalmente, que toda pesquisa parta de pressupostos, mas estes são diferentes de apenas querer confirmar certezas já estabelecidas. São pressupostos, podem ser confirmados totalmente, parcialmente, ou integralmente derrubados. Não devem ser confundidos com direcionar a pesquisa para confirmar certezas definidas a priori.



considerarmos que um estudo quantitativo tenha mais valor do que uma pesquisa qualitativa, ao contrário, o que propomos aqui, inclusive, é uma pesquisa quali-quantitativa, porém, consideramos importante a realização do “mapeamento” como forma de “fiscalizar” nossos possíveis posicionamentos mais subjetivos em relação à revista de forma a não estabelecermos afirmações contundentes sobre seus possíveis vínculos ideológicos sem que tenhamos dados consistentes de pesquisa para que possamos estabelecer se há ou não uma invisibilidade da latinoamerica nas páginas da revista e das representações associadas aos países que aparecerem no corpus a ser analisado.

Bomfim (2003, p. 1-2) aponta que há uma cobertura deficitária por parte das “[...] publicações brasileiras sobre os vizinhos latino-americanos, com os quais compartilhamos um espaço geográfico, mas não uma relação de trânsito cultural”. Ainda segundo o autor, podemos observar uma “[...] carência de informações sobre esses países, em detrimento de notícias sobre Estados Unidos, Europa ou mesmo dos conflitos no Oriente Médio”. (p. 1-2)

Diante disso, a problemática desta pesquisa é, justamente, verificar se essa invisibilidade se confirma na cobertura da mais importante revista do país bem como analisar quais representações e, por extensão, quais memórias sobre a América Latina a revista ajudou a construir, e a perpetuar, ao longo de seus 45 anos. Tem como ponto de partida o seguinte questionamento: quais países e a partir deles quais assuntos, personagens e temáticas da América Latina foram destacados pela revista?

A partir desta problemática, o objetivo geral da pesquisa foi o de analisar as representações sociais atribuídas aos países da América Latina pela Revista Veja ao longo de seus 45 anos de história. Para alcançar este objetivo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: Verificar quais países latinoamericanos foram destacados nas manchetes de capas da revista; Elencar temas, assuntos, personagens e acontecimentos relacionados a esses países; Verificar as representações atribuídas a esses países nas reportagens que foram o destaque da capa.

### **Mídia e América Latina**

A prática de análises críticas referentes aos meios de comunicação é um importante exercício do jornalismo, não apenas para identificar os erros, bem como para discutir e desmistificar as temáticas apresentadas pelos mesmos. Segundo Scalzo (2004, p. 25) “dá para compreender muito da história e da cultura de um país conhecendo suas



revistas”. Sendo a revista *Veja* a publicação jornalística de maior circulação no Brasil, é evidente o importante papel que ela ocupa como educadora<sup>9</sup>.

Um aspecto que destaca as revistas dos demais meios de comunicação, sobretudo do exercício jornalístico é a sua representação de confiabilidade, o seu status de verdade diante do seu “consumidor”. Como afirma Scalzo (2003, p. 12-13) “(...) revistas são impressas e o que impresso, historicamente, parece mais verdadeiro do que aquilo que não é”.

Mesmo com o advento da mídia eletrônica, de todo o acervo e instantaneidade da internet, o aprofundamento da notícia ainda é o mais valorizado, aspecto comumente associado ao jornalismo de revista. A premissa jornalística nesse veículo é que não trabalhará com o imediatismo, mas com o aprofundamento. Assim, a realidade retratada ganha um status de verdade e confiabilidade também maior, contribuindo decisivamente para a agenda do público, para a sua construção de representações. Por ser a revista mais lida do país, *Veja* desempenha um importante papel na construção social da realidade. Os temas que prioriza ou que exclui, de certa forma também serão priorizados e/ou excluídos pelo seu público leitor.

Na pesquisa realizada por John e Eberle (2010), ao analisarem duas mil capas da *Veja*, as autoras constataram que a temática de Internacional é bastante recorrente. O percentual de edições que trouxeram temáticas internacionais nas capas da revista oscilou de 25 a 30% ao longo das décadas. Os assuntos internacionais são bastante enfatizados pela revista, notadamente conflitos internacionais e relações econômicas. Neste cenário, o país que mais aparece são os Estados Unidos da América, presente sempre em pelo menos 10% das capas ao longo de todas as décadas.

Conforme Barbosa (2007), a cobertura sobre a América Latina praticada pela imprensa brasileira em geral apresenta duas regiões distintas entre si, “[...] uma, iluminada pelo capitalismo; outra, esquecida por ele”. Essas duas regiões podem, segundo o autor, serem definidas como a da América Latina Oficial e a América Latina Popular. A oficial, segundo o autor é

[...] a branca e burguesa, herdeira direta dos privilégios do colonizador e associada ao capital estrangeiro, como forma de manter seus privilégios. Na América Latina oficial, estão as ruas de São Paulo, a Ipanema do Rio de Janeiro, Recoleta e Palermo de Buenos Aires, Las Condes de Santiago do Chile, e todas as capitais e cidades litorâneas, de olhos voltados para a Europa e para os Estados Unidos da América. (BARBOSA, 2007, p. 23)

---

<sup>9</sup> No sentido de formadora de opinião.



De acordo com o autor, esta é a América latina da “grande mídia”. Já a América Latina popular é a:

[...] mestiça, negra e índia, é operária e camponesa. Seus moradores são herdeiros dos colonizados e, até hoje, só conhecem a venda de sua força de trabalho como forma de sobrevivência, quando há para quem vender. Do contrário, são condenados às periferias das periferias, alimentando as fileiras dos movimentos sociais ou engrossando a população dos presídios construídos pela burguesia. Na popular estão as cidades e os rincões, os pântanos e as selvas, os países desconhecidos pela mídia e as periferias das grandes metrópoles.

Esta AL, segundo Barbosa, se encontra retratada na imprensa alternativa, em veículos como a revista Caros Amigos e, principalmente, nos veículos ligados aos grupos militantes presentes no Brasil. Para o autor, “Se não fosse pela imprensa alternativa, a história dos vencidos não seria contada”. Enfatiza que a América Latina popular não encontra espaço na grande mídia “[...] que só tem olhos para a oficial, exceto em momentos muito singulares. Apenas a imprensa alternativa tem a América Latina popular em suas categorias de seleção de notícia” (BARBOSA, 2007, p. 23). A realização desta pesquisa buscou verificar se a realidade apontada pelo autor também se confirma na cobertura realizada por Veja ao longo de seus 45 anos de história.

O *corpus* de análise foi composto pelas edições de n. 1, publicada em 11/09/1968 até a edição publicada em 11/09/2013, data em que Veja completou 45 anos. Foram analisadas, portanto, todas as revistas publicadas ao longo desses 45 anos. Isto foi possível porque a revista disponibiliza, gratuitamente, todas as suas edições impressas em formato digital em seu website. A Análise de Conteúdo (AC), seguindo a proposição de Bardin (1977), se concentrou nas capas da revista, de modo a mapear em quantas e quais edições os países da América Latina foram destaque na capa, especificamente, nas manchetes de cada edição, ou seja, quando foram eleitos como o assunto principal.

### **A América Latina em 45 anos de Veja**

Os dados apresentados a seguir referem-se ao enfoque dado por esta pesquisa – a evidência que a revista deu para os assuntos relacionados aos países latino-americanos em suas capas. Inicialmente, fizemos um mapeamento do destaque dado à revista para outros países, independente de a qual continente pertencia de modo a verificar a importância atribuída à editoria de internacional. A tabela a seguir evidencia que esta editoria é significativamente valorizada pela revista:



Tabela 1 - Enfoque dos assuntos da manchete

Enfoque	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000 <sup>10</sup>	Anos 2010
Nacional	70%	72%	57%	86%	51%	70%
Internacional	30%	28%	43%	14%	49%	30%

Ao longo dessas mais de cinco décadas, 68 países receberam o destaque de ser a manchete da edição. O país que mais se destaca no enfoque internacional das capas são os Estados Unidos, único presente em todos os anos e décadas analisadas. Além dos Estados Unidos, destacam-se Rússia, Inglaterra, Israel China e Japão, os quais foram manchete de capa em todas as décadas a partir dos anos 70.<sup>11</sup> A seguir apresentamos os resultados específicos sobre a América Latina, os países e temáticas que receberam destaque da revista.

Quadro 1 – Países latino-americanos nas manchetes de Veja

País	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000	Anos 2010
Argentina	1	12	10	0	3	0
Bolívia	0	2	0	0	0	0
Chile	0	7	1	0	0	1
Colômbia	0	0	0	2	0	0
Cuba	0	0	1	1	2	0
El Salvador	0	0	1	0	0	0
Haiti	0	0	0	0	0	2
México	0	1	1	2	0	0
Nicarágua	0	3	0	0	0	0
Paraguai	0	1	1	0	0	0
Peru	1	2	0	0	0	0
Uruguai	0	1	0	1	0	0
Venezuela	0	1	0	0	4	1

Como se vê, o país que mais apareceu nas manchetes foi a Argentina com 26 capas. Entretanto, isso se deu mais efetivamente entre as décadas de 1960 e 1980, reaparecendo em 1990. De um modo geral, a visibilidade dos países latino americanos, com exceção da Argentina, foi bastante modesta. Se excluirmos as capas relacionadas à Argentina, o que teremos na soma de todos os países latino-americanos que aparecem nas manchetes é o seguinte:

Quadro 2 – Total de países latino-americanos por década, exceto Argentina

Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000	Anos 2010
1	18	5	6	6	4

<sup>10</sup> O destaque para assuntos internacionais nas manchetes da década de 2000, bastante singular em relação às demais, como evidencia a tabela 1, tem como explicação a grande ênfase dada aos atentados ao World Trade Center em Nova York em 11 de setembro de 2001 e tudo o que decorreu em consequência disso.



Ou seja, excluindo a Argentina, os demais países da América Latina somaram 40 capas. Se levarmos em conta que a revista publica, em média, 544 capas por década, isso representa uma visibilidade bastante baixa dos países do subcontinente. Outro aspecto que a tabela evidencia é um aparecimento maior dos países sul-americanos, que representam 30 dessas 40 capas, aspecto ainda maior somando-se as edições com destaque para a Argentina, o que totaliza 56 capas cujas manchetes evidenciaram os países da América do Sul.

No que se refere aos temas mais abordados, optamos por uma discussão separada por década, de modo a melhor evidenciar temas e países que se destacaram em cada um dos períodos analisados.

Quadro 4 – Países e assuntos na década de 1960

<b>País</b>	<b>Assunto</b>
Argentina	Política – 1
Peru	Política – 1

Quadro 5 – Países e assuntos na década de 1970

<b>País</b>	<b>Assunto</b>
Argentina	Política – 9 Ciência e Tecnologia – 1 Conflito - 2
Bolívia	Política – 2
Chile	Política – 4 Conflito – 2 Tragédia – 1
México	Religião – 1
Nicarágua	Conflito – 3
Paraguai	Política - 1
Peru	Política – 1
Uruguai	Política – 1
Venezuela	Política – 1

Em 1968, primeiro ano da revista Veja, nenhum país da América Latina é manchete de capa das edições. Já em 1969, a Argentina e o Peru aparecem como assunto de capa uma vez cada, com o mesmo enfoque voltado a política. Na capa de 04/06/1969, a reportagem trata sobre a revolta popular de Córdoba, violentamente reprimida pelo governo militar. Já em 26/03/1969 a capa trazia em destaque o rosto do General Alvarado, presidente do Peru e abordava o conflito entre o país e os Estados Unidos da América.

Na década de 1970, o Uruguai, o Paraguai, a Venezuela e o México são mencionados apenas uma vez cada como manchete, onde três capas são categorizadas como política e uma como religião. Em 12/08/1970, a capa da revista Veja traz a

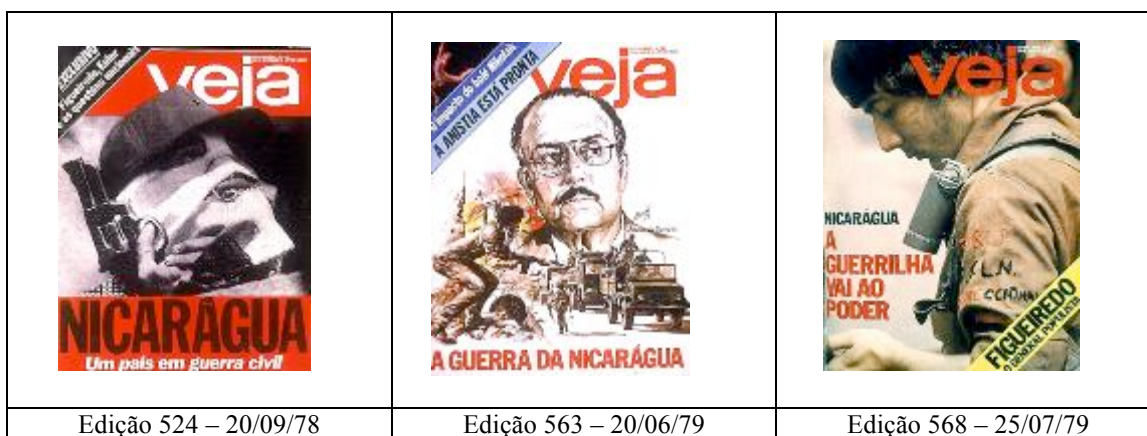
bandeira do Uruguai, e aborda os sequestros dos diplomatas que aconteceram no país. A Venezuela também configura com apenas uma aparição em manchete na década de 1970, sendo essa no dia 16/11/1977, com uma ilustração de Carlos Andrés Pérez, presidente do país, que veio em visita diplomática ao Brasil.

Já na capa de 15/02/1978, uma fotografia representa a mensagem de desconfiança empregada na pergunta realizada na manchete: “Paraguai que parceiro é esse?” Na foto vemos cartazes coloridos pregados nas paredes e em frente um morador de rua deitado ao chão, em abordagem de afronta clara. O México também aparece apenas uma vez como manchete de capa, mas o motivo é claro: A vinda do papa até a América Latina, e a passagem dele pelo país.

A Bolívia e o Peru configuram como manchete de capa duas vezes cada, com o enfoque voltado a política nas quatro edições em que aparecem. A capa do dia 28/10/1970 traz a ilustração do mapa da América do Sul, com os países do Peru, Bolívia e Chile destacados em vermelho e o seguinte título: “América Latina, até onde vai a esquerda?” que trata da primeira experiência de governo eleito por voto livre no Chile, além destacar o nacionalismo de esquerda exercido no Peru e na Bolívia.

A Nicarágua possui três aparições nas capas da década de 1970, categorizadas todas como conflito. O enfoque era direcionado a guerra civil enfrentada no país, o que reforça uma única imagem transmitida sobre essa localidade.

Figura 2 – Capas sobre a Nicarágua



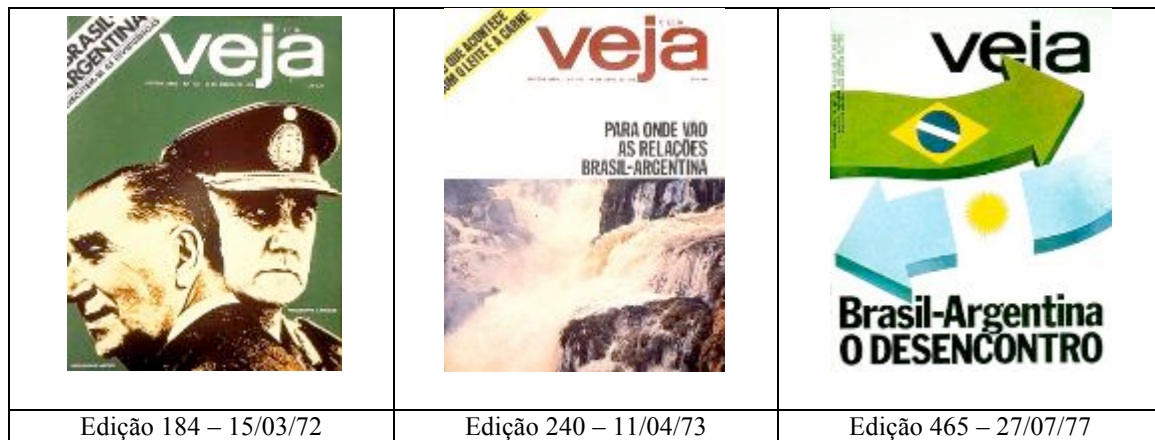
Na década de 70 o segundo país que mais apareceu nas capas das edições da revista Veja foi o Chile, com sete aparições, quatro categorizadas como política, duas como conflito e uma como tragédia.

O país que mais configurou como manchete de capa nesse período foi a Argentina, com doze aparições, nove delas categorizadas como política, duas como



conflito e uma como ciência e tecnologia. Entre as edições, três capas tratavam da relação entre Brasil e Argentina:

Figura 3 – Capas que relacionam Argentina e Brasil



Os resultados sobre a década de 1980 podem ser visualizados no quadro a seguir:

Quadro 5 – Países e assuntos na década de 1980

País	Assunto
Argentina	Política – 10
Chile	Política – 1
Cuba	Política – 1
El Salvador	Política – 1
México	Tragédia – 1
Paraguai	Política – 1

Os anos de 1980, 1983 e 1987 não configuraram nenhuma capa da América Latina, logo em seguida podemos contabilizar apenas uma capa com manchete de países latino-americanos durante os anos de 1981, 1984, 1986 e 1989.

Todos os países que aparecem na década de 1980, com exceção da Argentina, contabilizam apenas uma manchete de capa cada, sendo eles: México, Cuba, El Salvador, Chile e Paraguai. A editoria predominante é política, com enfoque voltado majoritariamente à ditadura enfrentada no período. Apenas a capa da edição do México não é sobre política, com foco direcionado à tragédia que aconteceu na Cidade do México devido a um terremoto.

A Argentina é o único país da América Latina que apareceu mais de uma vez como manchete de capa nas edições da década de 80. Ao total foram dez edições com foco em política que trataram sobre os acontecimentos do país. Seis dessas edições abordavam o conflito política da Guerra das Malvinas, já o enfoque das outras edições estava voltado para a ditadura no país.

Quadro 6 – Países e assuntos na década de 1990

País	Política	Economia	Total
Colômbia	2	0	2
México	0	2	2
Cuba	1	0	1
Uruguai	1	0	1

Na década de 90 apenas quatro países latino-americanos são referenciados em manchete nas capas da revista Veja, são eles: Colômbia, México, Cuba e Uruguai. Houve uma predominância de seis anos (1990, 1993, 1994, 1996, 1997 e 1999) que não apresentaram nenhuma manchete de capa sobre países da América Latina.

O primeiro país a ser recorrente nas capas de Veja é a Colômbia com a temática política. Ambas expressam a relação entre o Brasil e o país vizinho em suas fronteiras e a porta de entrada para o narcotráfico. Na capa de 26/06/1991, um mapa da América do Sul e Central composto por um pó branco (alusão à cocaína) anunciam o Brasil como uma das principais rotas de drogas ilícitas do mundo. O México aparece nas manchetes de Veja por duas vezes em 1995. Em um curto espaço de quatro edições, o tema econômico da crise mexicana ocupou a agenda da revista. A crise amedronta, pois o México é talvez o país latino mais parecido econômica e socialmente com o Brasil.

Figura 4 – Capas sobre o México década de 1990



Em 1992, a “Operação Uruguai” se tornava mais uma artimanha do governo Collor para esconder as ligações escusas entre o presidente da república e o empresário PC Farias era o tema da capa de 05/08/1992. Por fim, Cuba é manchete em 21/01/1998. Fidel Castro segura um charuto e sua fumaça forma um cifrão, ao escrever “o despertar de Cuba” a revista faz referências à entrada do dólar na ilha caribenha e à visita do papa João Paulo II.

Quadro 7 – Países e assuntos na década de 2000

País	Assunto
Argentina	Economia – 3
Cuba	Política – 2
Venezuela	Política – 4

Durante a década de 2000 apenas três países da América Latina foram manchete de capa da revista Veja. As capas ficaram limitadas nesta década em apenas dois temas. O primeiro foi política, com o total de seis capas entre os anos de 2005 e 2008. Todas as edições que trazem este tema como matéria principal tratam de forma negativa os personagens e países com ideologia de esquerda. O personagem que mais aparece nas capas é Hugo Chávez. A revista mostra o presidente da Venezuela como um ditador que quer liderar uma revolução na América Latina. Isto fica evidente nas capas demonstradas abaixo:

Figura 5 – Capas sobre a Venezuela década de 2000



Na capa da edição de 04/05/2005. A Manchete “Quem precisa de um novo Fidel” é seguida pela linha de apoio “Com milícias, censura, intervenção em países vizinhos e briga com os EUA, Hugo Chávez está fazendo da Venezuela uma nova Cuba”. A capa seguinte, da edição 1986, de 13/12/2006, continua com a comparação entre os dois presidentes trazendo na linha de apoio da manchete “Com Fidel Castro à morte, Hugo Chávez quer usar o petróleo para liderar a revolução na América Latina”.

Além de Chávez, a revista também desqualifica outros políticos de esquerda da América Latina. A edição de 03/10/2007 traz a manchete “Che: a farsa do herói”, seguida da linha de apoio “Verdades inconvenientes sobre o mito do guerrilheiro altruísta quarenta anos depois de sua morte”. Já a edição do dia 27/02/2008, traz na capa “Já vai tarde”, com a linha de apoio “O fim melancólico do ditador que isolou Cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos”.

O segundo tema que levou a América Latina às capas da revista Veja na década de 2000 foi Economia. Foram três capas entre 2000 e 2001 que tinham como

personagem principal a Argentina e a crise econômica em que estava. A primeira delas foi da edição 1642, de 29/03/2000, e trouxe como manchete “Porque os argentinos estão irados com o Brasil”. Já em 28/03/ 2001, denunciava “EUA e Argentina armam tempestade na economia mundial”. Apesar desta matéria de capa focar na boa fase na economia brasileira, o país da América Latina era apontado como um vilão que estava testando o Brasil. A terceira capa do dia 18/07/ 2001, e teve como manchete “O tamanho da encrenca”. As linhas de apoio da edição afirmavam que era previsto calote por parte da Argentina, e questionava o que aconteceria com o Brasil se a Argentina realmente quebrasse.

Figura 6 – Capas sobre a Argentina década de 2000



Quadro 8 – Países e assuntos na década no período de 2010 a 2013

País	Assunto
Chile	Tragédia – 1
Haiti	Tragédia – 2
Venezuela	Política – 1

Nos três primeiros anos desta década, contemplados no intervalo de análise até a data de 11/09/2013, quando a revista completou 45 anos, evidenciam um panorama bastante similar das décadas anteriores. Cinco países aparecem nesses três anos, o que pode indicar um crescimento se comparado com as duas décadas anteriores. A principal diferença está na temática enfocada, desta vez não foi a política e sim a tragédia que levou países latino-americanos para as manchetes. O Chile ganhou visibilidade pela tragédia que aprisionou 33 mineiros na mina de San Jose, no deserto do Atacama, em agosto de 2010.

Figura 7 - Capa sobre a tragédia no Chile



Também a partir da tragédia, e também em 2010, o Haiti figurou pela primeira vez como manchete na revista. Duas edições consecutivas destacaram o terremoto ocorrido em 12/01/2010.

Figura 8 – Capas sobre a tragédia no Haiti



Mesmo na temática de política relacionada à Venezuela, o critério de noticiabilidade da negatividade foi o fator motivador. A edição de 13/03/2013 destacou a morte do presidente venezuelano Hugo Chávez. Como de costume em capas relacionadas aos chamados governos de esquerda, o contraste entre fundo preto e escrita em vermelho foi usado na disposição gráfica da mensagem, além da alusão negativa evidenciada na própria manchete “Chávez – Herança sombria”.

Figura 9 – Capa sobre a morte de Hugo Chavez





## **Considerações Finais**

O conjunto das décadas analisadas evidencia que a revista tem direcionado seu olhar para os países da América Latina, porém, de maneira muito menos significativa do que o olhar que vai para os Estados Unidos, o que é compreensível em termos de política e economia. Ainda assim, essas duas temáticas foram também as mais recorrentes nas capas com as nações latino-americanas, evidenciado, predominantemente, as relações econômicas e diplomáticas entre o Brasil e os demais países. Mas de todo modo não justifica uma quase invisibilidade de vários países do continente, muitos deles profundamente relevantes no cenário político e econômico relacionado ao Brasil, já que são esses os temas – política e economia – os enfatizados pela revista.

De maneira geral, a América-Latina é representada nas capas de Veja em assuntos negativos como conflitos e guerra, crises econômicas, regimes ditatoriais, narcotráfico e problemas diplomáticos. Um reforço à ideia de que certos países só merecem o destaque jornalístico para o ainda predominante critério de noticiabilidade da negatividade. Em raros casos, como o caso do Chile, os países latinos apareciam como modelos a serem seguidos pelo Brasil em sua gestão política e econômica. Apesar do país com maior destaque ser a Argentina, o personagem mais recorrente em capas é o líder comunista Fidel Castro, exercendo o poder ditatorial em Cuba no período de 1976 a 2008.

Como saldo negativo, portanto, das memórias sobre esse estrangeiro que está tão próxima de nós, retratadas pela revista ao longo dessas quase seis décadas está, de certo modo, sua atuação no reforço ao que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009) chamou de o perigo de “uma história única”, qual seja, uma visão de mundo que em apenas alguns poucos atores (nesse caso países) terão suas memórias levadas aos leitores da revista em nosso país. As propostas de Santos (2002) com suas “sociologia das ausências” e “sociologia das emergências” nos faz refletir sobre o “esquecimento” dos países latino-americanos. O autor propõe ampliar o campo das experiências possíveis através da imaginação sociológica, o que permitiria a diversificação de olhares e de saberes e o reconhecimento de atores e práticas sociais negligenciados pelo discurso dominante. A sociologia das emergências revelaria uma outra América Latina e se distanciaria da visão dicotômica que evidenciou Bomfim (2013).



## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BARBOSA, Alexandre. A solidão da América Latina na grande imprensa. **Cenários da Comunicação**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 21-29, 2007.

BOMFIM, Ivan Elizeu. Latinidade: a América Latina pelas páginas de Veja e Carta Capital. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso em: 17/04/2013.

JOHN, Valquíria M. ; EBERLE, Taina S. . Veja Só o Brasil - a construção social da realidade em duas mil capas da Revista Veja.. **Estudos em Comunicacao**, v. 1, p. 55-80, 2010.

DEFLEUR, Melvin L; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAPLANTINE, François. Antropologia dos sistemas de representação da doença: sobre algumas pesquisas desenvolvidas na França contemporânea reexaminadas à luz da experiência brasileira. In: JODELET, Denise. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERj, 2001.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia da ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 63, p. 237-289, 2002.